

Práticas vocais de cantadeiras do Alto Minho: o que mudou?

André Araújo

INET-MD – Instituto de Etnomusicologia, centro de estudos em música e dança
Instituto Politécnico do Porto / Portugal
andrearaujo@eu.ipp.pt

Resumo: O folclore em Portugal representa uma atividade relevante no que toca às artes performativas de carácter tradicional. É reconhecido o esforço dos grupos folclóricos para manter a genuinidade das suas performances. No entanto, são evidentes as mudanças sociais e culturais ocorridas durante a evolução de folclore, resultando num progressivo distanciamento entre os agentes que representam o estilo e as tradições musicais e culturais que pretendem representar. Em todos os elementos performativos é possível encontrar marcas do tempo que (des)caracterizam o estilo folclórico. Quanto ao canto é também possível levantar questões. Canta-se hoje da mesma forma que se cantava no passado? Quais as características vocais representativas desta região? O que mudou? O presente estudo pretende descrever percepções sobre as práticas vocais das cantadeiras de folclore da região do Alto Minho.

Através de entrevistas a elementos de grupos folclóricos de Viana do Castelo, verificou-se que as características típicas do cantar minhoto incluem: tessitura vocal aguda; registo de peito associado a “voz cheia”, com nível não-excessivo de esforço; timbre típico de “voz fina”; boa inteligibilidade; e sotaque da região. Os testemunhos apontam ainda para modificações acentuadas nas formas de aprendizagem e comportamentos sociais associados a esta prática vocal ao longo das últimas décadas.

Palavras-chave: canto folclórico; Alto Minho; práticas vocais; representatividade vocal; transformações temporais

Abstract: Folklore in Portugal represents a relevant traditional performance activity. Folk groups make important efforts to maintain the authenticity of their performances. However, folk expressions evolved together with social and cultural changes, resulting in a progressive distancing between the agents representing the style, and the musical/cultural traditions which they claim to represent.

Time marks may be found in every element of performance, which (de)characterize folk style. Singing is no exception, and several questions may be raised. Are there differences between singing today and in the past? What are the most representative voice features of this region? What has changed over the years? This study aims to describe perceptions about vocal practices of female folk singers from the Alto Minho region.

Several folk group members from the Viana do Castelo district were interviewed. Their reports revealed that the most typical characteristics of Minho singing include: high pitched voice tessitura, chest voice register with non-excessive effort level, “thin voice” timbre, good word intelligibility, and regional accent. Results point to the existence of pronounced modifications in learning methods and social behaviours related with singing practices over the last decades.

Keywords: folk singing; Alto Minho; vocal practices; vocal representativeness; temporal transformations

Introdução

O folclore tem comprovadamente uma expressão ativa no que concerne às artes performativas de carácter tradicional em Portugal (Vasconcelos 2001). O conceito de “folclore” surge no século XIX (Castelo-Branco e Pestana 2010). Desde então, diferentes definições têm sido utilizadas, sendo difícil encontrar consenso sobre o seu significado na comunidade científica. Para McLean (2006), a definição de folclore baseia-se nas origens da canção folclórica, que está originalmente associada à tradição oral proveniente de meios rurais e praticados por uma classe social iletrada. As canções contavam lendas, eventos históricos, ou assuntos da vida comum, como o trabalho. Por outro lado, o conceito de folclore depende da corrente semântica que o define, podendo incluir três significados relacionados mas distintos: a) a cultura popular, associada a uma determinada época do passado e localização geográfica; b) a investigação desse património popular, através de recolhas e pesquisas documentais; e c) a representação atual dessa cultura, usualmente protagonizada por pessoas ou grupos, com maior ou menor proximidade cultural e geográfica ao “objeto” que pretendem representar (Castelo-Branco e Pestana 2010). De acordo com o objetivo deste estudo, que pretende descrever a cantadeira enquanto voz e membro central dos grupos de folclore Minhoto, utiliza-se o terceiro significado de folclore. Por outras palavras, neste artigo explora-se o folclore relacionado com as práticas vocais atuais das cantadeiras em contexto de grupo folclórico.

Em Portugal o folclore é maioritariamente representado por “Grupos Folclóricos” (GF) (designação genérica pois pode tomar outras denominações), constituídos por agrupamentos de aproximadamente 40 pessoas, incluindo todas as faixas etárias, normalmente representados por associações de carácter social, cultural ou recreativo (Castelo-Branco et al. 2003). Estes grupos, que integram o estilo musical mais alargado de música tradicional portuguesa, estão orientados para a performance de espetáculos de folclore e representam uma localidade ou região, utilizando elementos tradicionais como parte do seu espólio cultural. Do espetáculo fazem parte: o repertório musical, a tocata, o vestuário tradicional, as danças e os cantares. Os espetáculos são mais frequentes durante os meses de Verão e são apresentados maioritariamente em contexto de festas populares ou festivais de folclore, nacional e internacionalmente. São ainda procurados para animar eventos culturais e turísticos, como forma de representar a região e o país (Castelo-Branco e Branco 2003).

Na realidade atual é possível encontrar GF por todo o país, mas também no estrangeiro (Carvalho 1996), e o número de GF tem vindo a crescer, especialmente em meios

urbanos (Castelo-Branco et al. 2003).

Sob influência do processo de folclorização ocorrido ao longo do século XX desenvolveram-se muitos estereótipos em torno das identidades folclóricas nacionais e regionais. Diversas imagens icônicas de representação visual e sonora do país foram então adotadas. Assim, verificou-se uma divisão cultural do país em regiões, ainda que com fronteiras culturais nem sempre bem definidas, procurando realçar características representativas para cada região (Carvalho 1996; Castelo-Branco e Branco 2003).

A região do Minho é reconhecida pela sua ampla atividade folclórica. Divide-se, quer culturalmente quer administrativamente, em Alto-Minho e Baixo-Minho, correspondendo respetivamente aos distritos de Viana do Castelo e Braga. O Alto-Minho (AM) possui cerca de 100 GF, nos quais cantam cerca de 500 mulheres, *cantadeiras*, 200 das quais solistas. As *cantadeiras* do Minho são reconhecidas pelas suas características vocais, que normalmente incluem ser capaz de cantar tons agudos e em forte intensidade (Muszkalska 2000). O seu canto transporta para atividades tradicionais do passado, nomeadamente atividades ao ar livre, associadas a tarefas agrícolas ou festividades religiosas (Muszkalska 2000).

O canto folclórico, que tradicionalmente era cantado *à capella*, em polifonia e de uma forma espontânea, foi sendo ao longo do tempo integrado em atuações pré-organizadas (Castelo-Branco e Branco 2003). Estas começaram a incluir acompanhamento instrumental e meios de amplificação sonora. Naturalmente, associadas a estas transformações nas práticas performativas, terão também ocorrido modificações no modo de utilizar a voz. Ainda assim, a figura da *cantadeira* como ícone dos GF do AM manteve-se. De entre os vários aspetos que são comumente utilizados para avaliar e comparar os diferentes GF – indumentária, instrumentos musicais da tocata, repertório (ou modas), coreografia e canto – destaca-se no AM as características vocais das suas *cantadeiras*. É à mulher que se tem vindo a atribuir tradicionalmente a parte cantada solista enquanto forma identificadora de um dado GF. Apesar de atualmente ser frequente, na maioria dos GF, a existência de *cantadores* (solistas masculinos), as suas características vocais parecem ser usualmente menos preponderantes para a identidade do GF do que as vozes das *cantadeiras*. No entanto, diversas questões que se levantam em torno da identidade vocal das *cantadeiras* do AM. Apesar da existência de muitas recolhas sonoras da voz de cantadeiras de diferentes épocas, são poucas e pouco específicas as descrições sobre a sua sonoridade vocal, e inexistentes registos detalhados sobre as suas práticas vocais passadas e presentes. Assim, o presente estudo tem como objetivo descrever perceções sobre as práticas vocais das cantadeiras de folclore do Alto Minho,

na atualidade, explorando as características vocais mais representativas, os atributos e funções esperados das cantadeiras, e as principais transformações ocorridas nas últimas décadas.

Método

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 35 membros de um total de 8 GF da região do AM. A seleção dos grupos baseou-se nos critérios: experiência de mais de 30 anos de existência; e atividade performativa com mínimo de 20 atuações no ano de 2010. As questões que constaram do guião de entrevista exploraram: a) a evolução da voz das cantadeiras ao longo do tempo (passado e presente); b) o papel da cantadeira no GF; c) as qualidades e requisitos necessários a uma cantadeira do AM; d) as características vocais de uma cantadeira do AM; e e) o processo de aprendizagem das cantadeiras. Todas as entrevistas foram integralmente gravadas, tendo posteriormente sido transcritas e analisadas usando análise de conteúdo com o *software* WebQDA (versão 1.4.3). O estudo contou com a aprovação do Conselho de Ética da Universidade de Aveiro e todos os participantes concordaram com as condições do mesmo, assinando uma declaração de consentimento informado.

Resultados e discussão

Os 35 entrevistados possuem idades compreendidas entre 19 e 70 anos (média=46.4 anos; DP=15.1), dos quais 18 são mulheres. A sua experiência enquanto membros de GF varia entre 5 e 60 anos (média=25.5; DP=13.3). A maioria dos elementos desempenha mais do que uma função no seu GF: 26 dançadores; 13 cantadores nos coros; 9 cantadores solistas; 6 tocadores; e 18 com outras funções administrativas.

As práticas vocais das cantadeiras do passado e as da atualidade são apontadas como claramente distintas (69%), embora esta distinção tenha sido feita de forma mais clara pelos entrevistados experientes.

No passado, o canto foi apontado como uma estratégia para tornar as atividades rurais mais fáceis de suportar, como forma de “passar melhor o tempo”, ou de “descompressão”, mas também uma forma de “coordenar os diferentes participantes da atividade”. Dependendo da região, estas poderiam ser atividades agrícolas, piscatórias, ou pastoris. Transversalmente, o canto estava ainda associado às romarias e aos bailes. O canto era algo presente em todos os quotidianos e uma forma de expressão muito comum. Assim, nos GF o canto era apenas uma extensão do dia-a-dia, e esta atividade era maioritariamente vista como uma forma de lazer. Era fácil encontrar cantadeiras com

boas vozes para cantar nos GF e este era o principal fator valorizado.

Atualmente excluiu-se o canto da vida diária das comunidades, e alguns dos elementos mais velhos revelam agora inibição em cantar livremente. O GF é assim um dos poucos contextos em que as cantadeiras praticam o canto.

Antigamente cantava-se muito. Nos trabalhos do campo, geralmente. E nas romarias. Eles iam e vinham a cantar. (Susana, 36 anos)

Antigamente, aqui no Minho, em todos os trabalhos cantavam. E agora não, agora é só mesmo nos grupos folclóricos. Não se vê num trabalho a cantar. (António, 47 anos)

Nós assistíamos [...] que as mulheres saíam de casa [...] ou iam a qualquer lado a cantar. Sempre a cantar [...] e depois também ao não existir qualquer tipo de aparelhagem [amplificação] a voz era quase sempre oitavas acima. [...] nós hoje recrutamos cantadeiras, que estão paradas [...] que cantam bem, mas com vozes que são um pouco atípicas daquilo... Porque quem não conheceu até diz “esta voz é boa, é espetacular”, mas eu não... eu conheci as outras vozes. E portanto, acho uma diferença louca (Afonso, 55 anos).

Apesar destas transformações, o papel do canto nos GF continua a revestir-se de grande importância visto ser o principal veículo na transmissão da sua mensagem (63%). A cantadeira é assim vista como um elemento fundamental para a identidade do grupo. A missão representativa dos GF e o espírito de competição instalada pela participação frequente em festivais de folclore parecem ter trazido aos grupos uma atitude mais estruturada e exigente em relação às cantadeiras. Assim, para além das suas características vocais, a cantadeira é vista como um elemento: de liderança (54%), contribuindo para a coordenação musical do GF; e de comunicação com o público (37%). A sua capacidade de gerir o stress e de estar em palco (20%) é essencial para que o grupo possa confiar na sua prestação.

Ora bem, uma cantadeira tem um papel fulcral, digamos assim. [...] Se não houver uma boa cantadeira, não se consegue ter um bom GF. (Miguel, 38 anos)

A cantadeira também tem uma função com muita responsabilidade porque tem de estar com os olhos atentos ao que se está a passar ao seu lado, [...] Porque a voz dela - o cantar - também tem uma parte fulcral. Talvez, fundamental para coordenar. (Manuel, 62 anos)

“Ter boa voz” continua a ser o fator mais valorizado (74%) numa cantadeira. Porém, os participantes consideram que para cantar adequadamente a voz não é suficiente, acrescentando requisitos importantes como: saber ajustar a sua voz ao repertório e instrumentos (54%); memorizar a letra das canções (49%); cantar com ritmo (46%); cantar com afinação (46%); e cantar com letra perceptível e sotaque regional do Minho (31%). Os dados revelam a importância de a cantadeira se ajustar a uma atuação

estruturada, e dependente de um repertório bem definido e de instrumentos musicais, distanciando-se assim do contexto polifónico existente nas origens deste canto popular. A evolução cultural e linguística da sociedade justifica ainda a necessidade de recuperar padrões “invisíveis” do modo de cantar, como é o sotaque utilizado que deverá ser “parolo” ou “à moda antiga”.

Explorando as características vocais esperadas para as cantadeiras da região, as quais foram usualmente denominadas pelos entrevistados como “voz típica”, os traços mais representativos foram: a tessitura vocal “aguda” e “fina” (63%); a intensidade vocal “forte”, “firme”, “projetada”, “cheia” ou “pujante” (46%); e o timbre de voz “fina”, “afinada” e “que entoa no ouvido” (29%). Alguns traços que descaracterizam a voz típica da região foram também identificados, nomeadamente: voz com excesso de esforço, gritada ou esganiçada (60%) e registo de cabeça (9%). Este padrão vocal, compatível com as descrições prévias encontradas, foi apontado como cada vez mais raro em cantadeiras jovens, e as vozes das cantadeiras mais antigas foram sempre considerados mais típicas.

Os agudos. Há pessoas que não conseguem atingir [...] mas há canções aqui do AM que precisam mesmo de um agudo muito alto. Que é difícil. (Cândida, 42 anos)

É alto. Geralmente costumam-nos dizer que nós não precisamos de microfones. Porque as próprias mulheres têm um tom de voz forte, têm uma voz muito projetada [...] (Ana, 34 anos)

A cantadeira do AM [...] tem uma voz mais fina, com mais timbre [...] É uma voz que sobressai sobre as outras. E sobre os instrumentos também (Joaquim, 68 anos).

Apesar de grande parte dos entrevistados (63%) considerar que esta qualidade vocal tem uma natureza inata, a maioria (72%) é da opinião que pode ser aperfeiçoada com o treino. Assim, explorando os processos de aprendizagem, verificou-se que no passado esta era feita por tradição oral, em contextos tradicionais (49%), usualmente em meio rural, ou em família (20%), verificando-se uma forte tradição inter-geracional entre cantadeiras.

Atualmente a aprendizagem é maioritariamente feita nos GF (54%), podendo ocorrer durante os ensaios, por imitação das outras cantadeiras e por repetição, ou fora dos ensaios, usando como modelo gravações do grupo. É opinião geral que estas formas de aprendizagem não são suficientes para o desenvolvimento das características vocais mais típicas, e que é muito difícil encontrar jovens cantadeiras com características vocais adequadas ao canto folclórico da região (26%).

Adicionalmente várias influências externas (26%) forma apontadas potencialmente

descaracterizadoras da voz: ensino formal de música e canto; prática vocal em igrejas e coros; e contacto com outros estilos musicais.

Elas [cantadeiras antigas] tinham lavoura, e trabalhavam e cantavam ao mesmo tempo.

Elas tinham um treino, que se calhar não temos agora. Treinamos quando vimos ao ensaio.

Durante o dia, não estamos a cantar como elas (Isabel, 43 anos).

Como resolução dos problemas levantados, 29% dos entrevistados considera que não há nada a fazer, 23% acha importante realizar um treino formal voz para folclore e 14% julga ser necessário reforçar o contacto com atividades tradicionais.

Outros aspetos pontualmente descritos revelaram a influência de fatores relacionados com a dinâmica musical dos GF na performance vocal das cantadeiras, contribuindo para o seu esforço vocal. A amplificação é um recurso que a maioria dos GF raramente está preparada para usar de forma ajustada, desequilibrando a sonoridade entre vozes e instrumentos. A tonalidade das músicas, cuja afinação é limitada pelas características das concertinas, foi apontada como o motivo principal para algumas modas serem cantadas em tons excessivamente agudos para a voz de algumas cantadeiras.

Igualmente, o ruído provocado pela dança e pelos instrumentos, principalmente quando há várias concertinas a competir com a voz da cantadeira, são um motivo importante para abusos vocais por vezes existentes em atuações.

Em suma, os testemunhos revelam que diversas mudanças ocorreram nas práticas vocais das cantadeiras do AM. O treino vocal orientado e a reaproximação a contextos tradicionais são apontados como estratégias para recuperar a voz típica que tende a desaparecer. Contudo, é importante compreender que as cantadeiras estão integradas num sistema grupal, o GF, e que qualquer medida de educação vocal deve também considerar a dinâmica do grupo e as influências existentes entre os vários elementos musicais envolvidos.

Os estilos de canto tradicional envolvem domínios de extrema riqueza cultural e performativa, que justificam a importância de ser estudados em diferentes perspetivas. Apesar de este trabalho ter como objetivo último abrir horizontes sobre o estudo da performance vocal das cantadeiras do AM, é fundamental considerar domínios de investigação complementares a desenvolver futuramente, nomeadamente nas áreas de etnomusicologia, educação e saúde.

Agradecimentos

Agradece-se a orientação da Prof. Dra. Filipa Lã, bem como a colaboração de todos os

GF e entrevistados que participaram no estudo.

Estudo financiado pelo IPP e pela FCT (SFRH/BD/87855/2012).

Referências

Carvalho, João (1996) “A Nação Folclórica: projecção nacional, política cultural e etnicidade em Portugal”. *Revista Transcultural de Música*, 2(1): 1-7.

Castelo-Branco, Salwa e Maria Pestana (2010) “Folclore” in Castelo-Branco, Salwa (ed) *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Círculo de Leitores. 1 vol: 507-508.

Castelo-Branco, Salwa e Jorge Branco (2003) *Vozes do Povo: A Folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta.

Castelo-Branco, Salwa et al. (2003) “Perfis dos grupos de música tradicional em Portugal em finais do Século XX” in Castelo-Branco, Salwa and Branco, Jorge (eds) *Vozes do Povo: A folclorização em Portugal*. Oeiras: Celta.

McLean, Mervin (2006) *Pioneers of Ethnomusicology*. Coral Springs, FL: Llumina Press.

Muszkalska, Bozena (2000) “‘Voz desafinada’ - the ‘Out-of-tune Voice’ in Portuguese Polyvocal Songs”. *Revista Transcultural de Música*, 5(1): 1-5.

Vasconcelos, João (2001) “Estéticas e políticas do folclore”. *Análise Social*, XXXV(158-159): 399-433.